



Escola Anna Nery Revista de Enfermagem
ISSN: 1414-8145
annaneryrevista@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Franco Santos, Tânia Cristina

A MEMÓRIA E O "POR EM CENA" DA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, vol. 14, núm. 3, julio-septiembre, 2010, pp. 441-443

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127715324001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

EDITORIAL

EDITORIAL - EDITORIAL

Esc Anna Nery (impr.) 2010 jul-set; 14 (3): 441-443

A MEMÓRIA E O “POR EM CENA” DA HISTÓRIA DA ENFERMAGEM

Tânia Cristina Franco Santos¹

A memória, como um fenômeno que atualiza as lembranças, está sujeita às questões de subjetividade e seletividade e às instâncias de poderes. Sendo assim, o processo de reconstrução do passado está sujeito ao clivô de sucessivas reinterpretações conformes às representações do presente e às disputas de poder que determinam o que será lembrado ou esquecido, mediante as manipulações e o controle da memória.

Nesse sentido, o trabalho historiográfico demanda a necessidade de conhecer os interesses do presente que norteiam a dialética lembrar e esquecer, pois as formas de concepção do passado resultam de um sistema de incorporação de disposições, um habitus, uma vez que a memória, em permanente evolução, é sacralizada pelos vestígios da história, os quais celebram a memória, e pelos porta-vozes autorizados que produzem os discursos em torno de acontecimentos, personagens, tempos e lugares.

Na Enfermagem brasileira, a institucionalização de emblemas e rituais da profissão foi uma das estratégias utilizadas pelas escolas de enfermagem, para proceder a seleção e atualização de lembranças dignas de serem apreendidas e transmitidas às futuras enfermeiras. Nesse processo de tradição inventada, nas palavras de Hobsbawm, a memória é perpetuada e convertida em um bem simbólico do grupo que, transmitido como herança através de celebrações, do erguimento de estatutária comemorativa ou da identificação de monumentos nos espaços públicos, confere unidade ao grupo de enfermeiras e, por conseguinte, um sentimento de filiação estatutária. Portanto, a memória, individual ou coletiva, é socialmente construída e representa um capital simbólico do indivíduo ou do grupo ao proceder a perpetuação e o controle das lembranças.

Portanto, a simbiose entre memória e identidade profissional remete a formação de uma consciência da necessidade de preservação da memória, pois ela é o fio condutor que liga as gerações umas com as outras, dando um caráter de antiguidade, ubiquidade e continuidade. Nesse processo, o grupo tende a se dotar de meios que lhes permitam perpetuar-se para além da finitude dos agentes individuais ou até mesmo das instituições, através do efeito de simbolização e eternização conferido por: retratos ou estátuas que imortalizam a pessoa representada; edificações; escritos, e também o dito e o silenciado, os quais transmitem para a posteridade a história digna de ser contada.

Assim, os estudos históricos que contam com as relíquias do passado são imprescindíveis para a sobrevivência dos diferentes grupos sociais, uma vez que a experiência histórica de um grupo ou sociedade é a sua referência positiva, sua advertência tangível que lhe fornece os subsídios perante os projetos do presente, evitando uma operação às cegas ou através de tentativas. Nesse contexto, os documentos históricos, lugares de memória, devem ser interpretados conformes as conjunturas que determinam sua produção, veiculação e preservação, de modo a possibilitar a construção de uma versão histórica consistente e convincente.

¹Pós- Doutora em História da Enfermagem.Escuela de Enfermería - Universidad de Valladolid.Professora Associada do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem Anna Nery da Faculdade Nacional de História da Enfermagem, Brasil. Presidente do CNPQ.

MEMORY AND THE HISTORY OF NURSING “ON STAGE”

Tânia Cristina Franco Santos

Memory, as a phenomenon that refreshes the memoirs or remembrances, is subject to questions of subjectivity, selectivity and instances of power. Thus, the process of reconstructing the past is subject to the undulation of successive reinterpretations associated to the representations of the present and the power struggles that determine what will be remembered or forgotten through the manipulation and control of memory.

Accordingly, the historiographical research creates the need to learn about the interests of the present that guide the dialectic of remembering or forgetting. A provision-incorporation system, or habitus, the fact that memory, in permanent evolution, is sanctified by the relics of history that celebrate memory and by the authorized spokespersons who produce the discourse around events, characters, times and places, contribute to the different forms of the conception of the past.

In Brazilian nursing, one of the strategies used by the different schools of nursing to select and update the memories worthy of being seized and transmitted to future nurses was the institutionalization of emblems and rituals of the profession. In this invented tradition process - in Hobsbawm's words - memory is perpetuated and converted into a symbolic good of the group, that transmitted as a heritage through celebrations, through the proliferation of commemorative statues, or by identifying monuments in public spaces, provides a sense of unity to the group of nurses, and as a consequence, a sense of filiation or membership. Therefore, memory, individual or collective, is socially constructed and it represents a symbolic capital of the individual or group as it carries out the perpetuation or control of memories.

Therefore, the symbiosis of memory and professional identity refers to the awareness of the need to preserve memory. It is the thread that binds generations with each other, giving a sense of antiquity, ubiquity and continuity. Thus the group acquires the means to perpetuate itself beyond the finitude of individuality and institutions through the effect that symbolization and immortalization have by means of objects such as portraits or statues that immortalize the represented person; buildings; written material - what is said and what is silenced - all of these elements that transmit the story worth telling to posterity.

Thus, studies that rely on historical relics of the past are essential to the survival of different social groups. The historical experience of a group or society is its positive reference, a tangible alert that provides benefits for the projects of the present, avoiding blind transactions or trials. In this context, historical documents, the place of memory, must be interpreted in conformity with the situations that produce, disseminate and preserve them, in order to enable the construction of a historical version that is consistent and persuasive.

LA MEMORIA Y EL “POR EN ESCENA” DE LA HISTORIA DE LA ENFERMERÍA

Tânia Cristina Franco Santos

La memoria como un fenómeno que actualiza las recordaciones, está sometida a las cuestiones de subjetividad, selectividad y las instancias de poderes. Siendo así, el proceso de reconstrucción del pasado está sometido a una selección rigorosa de sucesivas reinterpretaciones conforme a las representaciones del presente y las disputas de poder que determinan lo que será acordado u olvidado, mediante las manipulaciones y el control de la memoria.

En ese sentido, el trabajo historiográfico demanda la necesidad de conocer los intereses del presente que orientan la dialéctica acordarse y olvidarse, pues las formas de concepción del pasado resultan de un sistema de incorporación de disposiciones, un habitus, una vez que la memoria, en permanente evolución, es sacratizada por los vestigios de la historia, los cuales celebran la memoria y por los portavoces autorizados que producen los discursos en torno de acontecimientos, personajes, tiempos o lugares.

En la enfermería brasileña, la institucionalización de emblemas y rituales de la profesión fue una de las estrategias utilizadas por las escuelas de enfermería para proceder la selección y actualización de recordaciones dignas de se aprender y transmitir a las futuras enfermeras. En ese proceso de tradición inventada, en las palabras de Hobsbawm, la memoria es perpetuada y convertida en un bien simbólico del grupo que, transmitido con herencia a través de celebraciones, del erguimiento de estatua conmemorativa o de la identificación de monumentos en los espacios públicos, confiere unidad al grupo de enfermeras y, por consiguiente, un sentimiento de filiación estatutaria. Por lo tanto, la memoria, individual o colectiva, es socialmente construida y representada un capital simbólico del individuo o del grupo al proceder la perpetuación y el control de las recordaciones.

Por tanto, la simbiosis entre memoria y identidad profesional remete la formación de una conciencia de la necesidad de preservación de la memoria, pues ella es el hilo conductor que liga las generaciones unas con las otras, dando un carácter de antigüedad, ubiquidad y continuidad. En ese proceso, el grupo tiende a se dotar de medios que les permitan perpetuarse para más allá de la finitud de los agentes individuales o hasta mismo de las instituciones, a través del efecto de simbolización y eternización conferido por: retratos o estatuas que inmortalizan la persona representada; edificaciones; escritos y también el dicho y el silenciado, los cuales transmiten para la posterioridad, la historia digna de ser contada.

Así, los estudios históricos que cuentan con las reliquias del pasado, son imprescindibles para la sobrevivencia de los diferentes grupos sociales, una vez que la experiencia histórica de un grupo o sociedad es la su referencia positiva, su advertencia tangible que le fornece los subsidios ante los proyectos del presente, evitando una operación a las ciegas o a través de tentativas. En ese contexto, los documentos históricos, lugares de memoria, deben ser interpretados conforme a las coyunturas que determinan su producción, diseminación y preservación, de modo a posibilitar la construcción de una versión histórica consistente y conveniente.